



Banco do Brasil Português 16/05/13

OPERADORA: Bom dia a todos e obrigada por aguardarem. Sejam bem vindos à teleconferência do Banco do Brasil para discussão dos resultados referentes ao 4T12. Conosco hoje estão os senhores Ivan de Souza Monteiro, Vice-Presidente de Gestão Financeira e de Relações com Investidores, e, Gustavo Souza, Gerente Geral de Relações com Investidores do Banco do Brasil.

Informamos que este evento está sendo gravado e que os todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação do Banco do Brasil. Em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas, quando mais instruções serão fornecidas.

Caso algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a teleconferência, queiram, por favor, solicitar a ajuda de um operador, digitando *0. Este evento também está sendo transmitido, simultaneamente, pela internet, via webcast, podendo ser acessado no endereço www.bb.com.br/ri, onde se encontra disponível a respectiva apresentação. A seleção dos slides será controlada pelos senhores. Lembramos que os participantes poderão fazer perguntas para os executivos do Banco do Brasil, que serão respondidas na sessão de Perguntas e Respostas ou por e-mail.

Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que essa apresentação faz referências e declarações sobre expectativas, sinergias planejadas, estimativas de crescimento, projeções de resultados e estratégias futuras sobre o Banco do Brasil, suas subsidiárias coligadas e controladas. Essas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do país, do setor e dos mercados internacionais.



O Banco do Brasil não se responsabiliza em atualizar qualquer estimativa contida nesta apresentação.

Gostaria, agora, de passar a palavra ao Sr. Gustavo Souza, Gerente-Geral de RI, que iniciará a apresentação. Por favor, Sr. Gustavo, queira prosseguir. Por favor, Sr. Gustavo, pode prosseguir.

SR. GUSTAVO: Muito obrigado. Bom dia a todos. Bem vindos a conferência de resultados do Banco do Brasil do 1º trimestre de 2013. Começando na página 03 a apresentação, nós temos alguns destaques da performance do Banco. Um lucro líquido ajustado de R\$ 2,7 bilhões no trimestre, um crescimento de carteira de crédito de 25,6% nos últimos 12 meses. Os indicadores de inadimplência do Banco do Brasil abaixo dos apresentados no sistema financeiro. O Banco do Brasil com 2,0% de inadimplência ao fim de 90 dias e o sistema financeiro com 3,60 ao final de março. E um crescimento dos negócios do banco impulsionado principalmente pelo crescimento das fontes de captação com destaque para as letras de crédito no agronegócio.

Passando para o slide 4 da apresentação nós temos uma visão das receitas e despesas operacionais do Banco do Brasil. Começando com o destaque no crescimento da margem financeira bruta de 1,7%. A margem financeira bruta continua a ser o item de receita mais importante dentro das receitas operacionais totais do banco. Ao final do primeiro trimestre de 2013, esse item respondia por 68,3% das receitas operacionais totais contra um percentual muito próximo 78,2% no primeiro trimestre de 2012.

Passando para o item tarifas, nós tivemos um crescimento de 6,7% comparando o primeiro trimestre deste ano com o mesmo período do ano passado. Passando para o item Previ esse item teve a sua menor participação nas receitas operacionais totais dos últimos períodos, com 1,2%. Nossos



relatórios de resultado evidenciam os efeitos contábeis desse item, tanto no resultado quanto no PL do Banco do Brasil.

O destaque na parte de despesas está nas despesas administrativas. Nós apresentamos um crescimento de 6,6%. Um crescimento que é abaixo do guidance que nós projetamos para o ano. guidance esse entre 7,0% e 10,0% de crescimento. Isso se deve principalmente a um crescimento de apenas 2,0% no item outras despesas administrativas. Isso é resultado do foco do Banco do Brasil no controle de custos.

Passando para o item provisão para risco de crédito, tivemos uma redução de 8,3%, comparando esse trimestre com o 1º trimestre do ano passado, em função do crescimento de crédito em linhas de baixo risco e da redução sequencial do volume trimestral de provisões do Banco Votorantim. Com isso, mesmo com o crescimento de 25,6% da carteira ampliada do banco, conseguimos reduzir o fluxo trimestral de provisão. O lucro líquido do banco atingindo então esses, lucro líquido ajustado atingindo R\$ 2,7 bilhões.

Passando para a página 5, nós temos uma abertura das fontes em uso do Banco do Brasil. As fontes totais crescendo 25,1% nos últimos 12 meses com destaque para o crescimento de 11,4% nas captações comerciais e mais uma vez a importância do item letras de crédito do agronegócio. Nesse slide agrupado também com as LCI, esses dois itens juntos crescendo mais de 300,0% nos últimos 12 meses. Em termos de utilização desses recursos sempre com destaque é o investimento em crédito. A carteira de crédito líquida respondendo por 88,0% da utilização desses recursos e nessa tabela mais abaixo nós vemos índices que relacionam a carteira de crédito com vários itens de funding. Eu destaco aqui a carteira de crédito sobre as fontes totais com índice de 88,0%.



Passando para o slide 6, nós temos uma visão da decomposição de margem financeira bruta do Banco do Brasil. Então inicialmente olhando para os dois gráficos de spread que nós temos aí nós vemos, observamos uma redução no spread global que é o spread de toda a atividade financeira do Banco do Brasil e também no spread de crédito, por cada linha de negócios em função de: 1º um cenário de menores spreads o constante crescimento em linhas de crédito de menor risco e também uma menor PMF efetiva. Esses fatores causaram a manutenção do patamar de receitas de operação de crédito.

Destacamos também as despesas de captação mesmo com o crescimento de 25,1% nas fontes totais do Banco do Brasil, nós conseguimos, em função da captação de recursos com custos mais competitivos, conseguimos reduzir a despesa financeira de captação do banco. Temos dois itens de despesa financeira de captação nesse slide: a despesa financeira de captação na rede e a despesa institucional.

A da rede reduzida principalmente em função do crescimento das LCAs e a despesa financeira de captação institucional numa manutenção do seu patamar mesmo com o crescimento de mais de 40,0% na média de saldo diário nesse item.

Quando passamos para o item de resultados de tesouraria, nós temos um resultado de tesouraria menor em função dos seguintes fatores: primeiro, tivemos uma redução na taxa média SELIC efetiva. Quando comparamos a taxa média SELIC efetiva no 1º trimestre deste ano tivemos um percentual de 6,76% contra 10,30% do primeiro trimestre do ano passado. Também tivemos uma redução na alíquota do depósito compulsório incidente nos depósitos à vista. Então o nosso compulsório rentável teve uma redução, olhando para esta receita especificamente, no 1º trimestre do ano passado, ela foi de R\$ 1,8 bilhão e no 1º trimestre deste ano de R\$ 975.0 milhões de reais. Também tivemos o efeito na marcação a mercado da carteira de tesouraria. Essa



carteira está concentrada 18,0% em papéis pré e com a subida que tivemos na curva de juros nesse 1º trimestre tivemos um efeito de marcação a mercado algo em torno de R\$ 194,0 milhões.

Passando para o slide 7 observamos o crescimento de 25,6% na carteira de crédito ampliada do Banco do Brasil. Essa carteira de crédito ampliada soma a carteira de crédito classificada, segundo os critérios do Banco Central, avais e garantia e também investimentos em títulos de valores mobiliários privados. Essa carteira atingiu mais de R\$ 592,0 bilhões de reais ao final de março de 2013 onde destacamos a participação de 47,3% da carteira de Pessoa Jurídica e 26,4% da carteira de Pessoa Física.

No slide 8 observamos a carteira de Pessoa Física no conceito orgânico excluindo aí consolidação parcial do Banco Votorantim e a aquisição de carteiras de outros bancos. Nessa visão, a carteira cresceu 26,3% os destaques de crescimento são os produtos tradicionalmente priorizados pelo banco: o crédito imobiliário crescendo mais de 60,0%; o crédito com veículos originado nas redes de agências crescendo mais de 150,0% e o crédito consignado crescendo quase 20,0% nos últimos 12 meses.

Com isso a concentração da carteira de Pessoa Física do banco nos itens de menor risco que são esse quatro primeiros desse slide: consignado, salário, veículos e imobiliário saiu de 72,0% em março do ano passado para 75,0% em março deste ano.

Passando para o slide 9 temos o crescimento da carteira de Pessoa jurídica: essa carteira cresceu 32,7% alavancada pelo crescimento de 38,0% nas linhas de captação de giro; de 20,0% nas linhas de investimento e de 57,7% nos investimentos em títulos e valores mobiliários privados.

Na página 10, nós temos uma visão da carteira agronegócios, segmento onde o banco é líder absoluto com mais de 67,0% de marketing_share. Essa



carteira cresceu 19,7% nos últimos 12 meses, manteve um baixíssimo índice de inadimplência. Essa carteira está concentrada em médios, grandes produtores e cooperativas. Essa concentração nesses três grupamentos representa 73,2% da carteira de agronegócios do Banco do Brasil.

Passando para o slide 11, nós temos a inadimplência e o índice de cobertura do Banco do Brasil.

A inadimplência de 90 dias do sistema caindo, chegando a 3,6% enquanto a do Banco do Brasil também mostra melhoria e chega a 2,0%. Se desconsiderarmos a consolidação parcial do banco Votorantim temos uma métrica de 1,74%.

Quando olhamos para os índices de cobertura, o Banco do Brasil ainda entre os grandes bancos com o maior índice de cobertura, o índice de cobertura do Banco do Brasil perto de 200,0%, bem acima do que observamos na média do sistema financeiro, e quando olhamos também uma visão Banco do Brasil x banco Votorantim esse índice em quase 218,0%.

Olhando para o slide 12 na inadimplência por segmento observamos uma relativa estabilidade nos três grandes grupamentos de negócios do Banco do Brasil: Pessoa Física, Pessoa Jurídica e agronegócio.

Passando para o slide 13 observamos também uma melhoria de inadimplência na carteira de veículos leves do Banco Votorantim atingindo 7,2% de inadimplência acima de 90 dias ao final de março de 2013. Isso acontece, olhamos já no slide 14, porque a safra do Banco Votorantim que apresentou maiores índices de inadimplência foi entre julho de 2010 e setembro de 2011 e essa safra tem sido gradativamente diluída em função do crescimento de operações de safras recentes com melhor qualidade. Essa safra especificamente representava 59,0% da carteira do Banco Votorantim em



março de 2012 e em março de 2013 passou a responder por 43,0% da carteira do Banco Votorantim.

Olhando especificamente para as despesas de provisão de risco de crédito do Banco Votorantim temos uma redução nas despesas totais de 36,7% quando comparamos o 1º trimestre deste ano com o mesmo período do ano passado. E se olharmos especificamente somente para a carteira de veículos uma redução de quase 40,0%.

Ao longo dos períodos também observamos, nesse gráfico no canto inferior direito, um crescimento do índice de cobertura chegando a 111,0% ao final de março de 2013.

No slide 15 temos uma abertura das despesas administrativas do Banco do Brasil. Esse item crescendo 6,6% em função desse crescimento de apenas 2,0% no item Outras Despesas Administrativas mais uma vez em função do foco do Banco do Brasil no absoluto controle de custos.

No slide 16 observamos a abertura do índice de eficiência do Banco do Brasil tanto na visão trimestral quanto na visão dos últimos 12 meses. Olhando na visão dos últimos 12 meses o índice que gravita em torno de 43,0%.

Passando para o slide 17 temos o índice de Basileia do Banco atingindo 16,3% ao final de março, esse é o melhor índice de Basileia do banco desde junho de 2007.

E finalmente no slide 18 temos a reconciliação da performance com o guidance apontado para 2013. Então o guidance de retorno do Patrimônio Líquido nós atingimos 17,4% quando o projetado era entre 14,0 e 17,0%. Quanto ao crescimento de margem financeira bruta em função daqueles fatores que citamos quando analisamos esse item no slide anterior, esse item crescendo abaixo do guidance com 1,7%. As captações com comerciais também crescendo um pouco abaixo do guidance em 11,4%. Todos os itens



de crédito em termos de crescimento de volume performando dentro do guidance ou um pouco acima. A relação de despesas de provisão sobre carteira média na parte inferior do guidance em 3,0%. O crescimento de tarifas abaixo do guidance com 6,7% e as despesas administrativas performando abaixo do guidance com crescimento de 6,6%.

Muito obrigado pela atenção de vocês e passemos agora por favor para a sessão de perguntas e respostas.

OPERADORA: Senhoras e senhores, iniciaremos agora a seção de perguntas e respostas. Caso haja alguma pergunta queiram por favor digitar *1.

OPERADORA: O Sr. Marcelo Peres, do Credit Suisse gostaria de fazer uma pergunta.

MARCELO: Bom dia a todos, obrigado pela oportunidade, eu tenho 2 perguntas. A primeira em relação ao crescimento do crédito que a gente viu um crescimento pequeno agora para o primeiro trimestre de 1,8% e eu queria entender um pouco como é que vocês estão vendo as perspectivas para o ano, porque parece um crescimento um pouco abaixo do que comparado ao guidance de vocês de crescimento de 15 a 19. Vocês acham que de repente vocês estão indo mais para uma linha mais para baixo, na parte baixa do guidance pelo menos, ou até um pouco abaixo disso e, na opinião de vocês, o porquê desse crescimento menor. Se de repente é uma questão que vocês estão ficando um pouquinho risk averse, tem algum segmento que vocês estão começando a ficar um pouco preocupados. E a segunda pergunta é em relação às despesas de provisão, quando a gente olha a despesa de provisão sob carteira média no primeiro tri ela foi 2,5%, que na verdade é bem abaixo do guidance de vocês, de 3,0% a 3,4%. Então eu queria entender se vocês realmente mantêm esse guidance de 3,4%. Vocês acham que tem espaço



para vocês surpreenderem positivamente. Obrigado.

IVAN: Oi Marcelo, é Ivan Monteiro, obrigado pela sua pergunta. Com relação à inadimplência, não há nada que aponte qualquer preocupação. Você vê que a gente ficou na parte baixa do guidance e multiplicado, a parte do que o Gustavo descreveu. Se você pegar a carteira de pessoa física, quebrar o portfólio, a gente tinha 72,1% concentrado em 4 linhas. Na nossa visão só as linhas que são prioridade do Banco, esse número alcança quase 75%, 74 vírgula alguma coisa, é na evolução nos últimos, é isso é março contra março, no últimos 12 meses. É até uma estratégia nossa, a gente sempre priorizou consignado, salário, imobiliário e veículos como aquelas linhas que nós vamos desenvolver mais e priorizar na oferta para os clientes em detrimento das linhas principalmente de rotativo de cartão de cheque especial. Então isso explica porque a nossa inadimplência se mantém sob controle.

Na visão pra frente, a carteira de crédito vai se comportar dentro do guidance que a gente forneceu. Voltando para a inadimplência porque não revisar ao guidance. Porque nós temos quatro meses decorridos do ano, estamos agora praticamente na metade de maio, e a gente prefere ter um comportamento mais adequado em especial porque você sabe que janeiro e fevereiro são meses de baixa atividade econômica no Brasil, é muito difícil você fazer qualquer previsão anualizada baseada nesses dois primeiros meses. Então a gente prefere aguardar o desenvolvimento normal dos negócios. O primeiro trimestre do Banco do Brasil costuma sazonalmente não ser o melhor trimestre do banco, normalmente isso ocorre no último trimestre. Você pode perceber que o último trimestre de 2012 nós tivemos um desempenho excepcional. Então assim era natural que no primeiro trimestre houvesse um arrefecimento desse crescimento, mas a gente mantém todas as previsões em relação ao guidance de crédito que foi fornecido. Em relação ao comportamento da inadimplência não há qualquer sinal de preocupação até



porque se você pegar métricas como, por exemplo, o crescimento do PIB a gente tem uma perspectiva bem melhor para esse ano do que no ano passado. E se você pegar a economia mundial, Japão em ritmo de crescimento, a economia Americana em recuperação, Europa não dando mais aquele sustos praticamente diários que nós tínhamos, e China com um comportamento bastante conhecido de todos nós. Então mesmo na economia mundial, evidente que a situação da recessão na Europa é um dado que preocupa mas nós não temos mais aqueles sobressaltos diários na imprensa. Então de modo geral o comportamento da economia deve ser um pouco melhor e isso favorece muito a atuação do Banco do Brasil sempre vinculado ao setor produtivo.

MARCELO: Ivan, obrigado pelas respostas, se você me permitir só mais uma pergunta em relação a margem, a gente viu uma redução é da margem do quarto para o primeiro tri inclusive com uma redução no próprio NII e em que parte do ciclo você acha que a gente está em relação à margem, você acha que de repente a gente pode começar a ver já o aumento, uma estabilização das margens no segundo trimestre já ou é algo que a gente deveria esperar mais para o segundo trimestre? Obrigado.

IVAN: Marcelo, você já deve ter percebido, a gente teve uma estratégia bastante, eu acho que foi uma estratégia de muito sucesso em relação aos custos de captação do banco. Não só se você retirar o efeito SELIC você percebe que a mudança do mix de produtos que a gente utiliza beneficiou muito o banco. A gente ainda tem um complemento a esse ciclo, a gente avançou muito na LCA, nós introduzimos a LCI agora, ela está bem no iníciozinho, ela está com um saldo de R\$ 300,0 a R\$ 400,0 milhões de reais. No caso específico de LCA a gente ultrapassou R\$ 40,0 bilhões de reais. No caso específico de LCA a gente ultrapassou R\$ 40,0 bilhões de reais de captação. No caso da poupança a gente tem quebrado record todo mês e o



último número que eu tenho a gente já superou R\$ 125,0 bilhões de reais e nós a partir do dia 20 de junho começaremos a comercializar as debêntures de leasing como um lastro para as operações de compromissadas com título privado em substituição ao mecanismo que a gente utiliza hoje, tá?

Então de modo geral no mix de captação a gente fez um trabalho na minha visão de muito sucesso, na visão de todos os executivos aqui, e a gente espera um benefício agora ainda marginal, tá? Não virá daí o grande benefício que foi gerado em 2012. Onde que pode vir contribuição? O efeito tesouraria na nossa visão está totalmente explicado pelo que o próprio Gustavo mostrou, a questão do compulsório rentável, a questão da redução da SELIC daí como já houve uma operação na SELIC pra cima a gente pode inclusive ter algum benefício e eu acho que em termo de margem como um todo analisando, eu como um todo é eu acredito num começo de recuperação, tá? Então assim a gente precisa avançar mais no ano para verificar o mix de produtos que está sendo utilizado, você vê que aquelas linhas que crescem mais são as linhas de menores riscos e portanto de menores , então assim de um modo geral eu diria para você que a gente deve capturar uma melhoria de margem.

MARCELO: Está ótimo, Ivan, muitíssimo obrigado.

IVAN: Obrigado você pela pergunta.

OPERADORA: O Sr. George Freeman do Bank of America gostaria de fazer uma pergunta.

GEORGE: Obrigado pela oportunidade, eu gostaria de fazer duas perguntas. A primeira referente a CASSI. Eu agradeço aqui vocês terem colocado um pouco mais de abertura tanto no realese quanto na apresentação. Falando sobre passivo atuarial da CASSI e eu vi que vocês também reconheceram já de maneira em consonância com as regras da CVM 600 até a 695, alguns



valores relativos ao déficit que existe no Banco do Brasil em relação a CASSI. Agora o que eu ainda não entendi e eu gostaria de uma ajuda pra entender com a explicação de vocês é que de acordo com a CVM 695 o passivo atuarial da CASSI está batendo R\$ 7,8 bilhões, vocês na resolução 600 já fizeram preventivamente um aporte ou uma transferência para o Patrimônio Líquido de R\$ 2,5 bilhões bruto de imposto, eu queria entender se tem algum outro ajuste para ser feito ainda em relação a CASSI para que ela atinja o equilíbrio e não necessariamente esse ajuste é, precise vir do Banco do Brasil ou se pode vir também através de contribuição dos próprios funcionários. Depois faço a minha segunda pergunta, obrigado.

GUSTAVO: Oi Geoge, obrigado pela pergunta. Na CASSI não tem nenhuma expectativa ou algum planejamento de qualquer outro tipo de ajuste. Agora dentro das novas normas da CVM 695 nós vivemos tanto com os ativos quanto os passivos atuariais. No caso da CASSI os efeitos que nós temos são do, digamos de convivência do andamento desse plano. Então os ajustes estão todos relacionados ao custo do serviço corrente. Então não tem expectativa de mudança de contribuição, algum tipo de aporte especial, é somente a aplicação contínua dessa nova regra com os desdobramentos que você mesmo apontou. O ajuste do PL especificamente de R\$ 2,5 negativo com um certo offset de efeitos fiscais de R\$1,31 bilhão para um líquido de R\$ 1,546 bilhão. Então agora é somente conviver com a implementação sucessiva dessa nova norma sem nenhuma expectativa de algum outro tipo de ajuste.

GEORGE: Perfeito Gustavo, mas ainda nesse ponto eu estou vendo que é o déficit continua a subir por conta de um aumento nesse passivo atuarial. De acordo com essa nova regra, futuramente e a tendência eu acredito que seja que o passivo atuarial continue a crescer, você poderia ter outros ajustes contra o patrimônio líquido no futuro?



GUSTAVO: Não, os ajustes acompanham esse comportamento que você acabou de citar então, do valor presente das obrigações atuariais e isso mensalmente o banco continuando a fazer suas contribuições nesse plano e os participantes também. Não existe hoje nenhuma previsão de nenhum outro tipo de ajuste extraordinário somente aquele procedimento semestral de avaliação desse passivo atuarial e ao longo dos meses a contribuição dos participantes e a do Banco do Brasil. Mas nenhuma previsão de algum ajuste extraordinário, tá George?

GEORGE: Perfeito, obrigado. E a outra pergunta em relação a umas despesas que apareceram extraordinárias, eu acredito, que em relação ao plano de funções se não me engano algo próximo a R\$ 200, milhões nesse último resultado. Se você pudesse me explicar um pouco mais, Gustavo, sobre a potencial recorrência desse valor ou se já foi um acordo pontual e se todas as potenciais pendências e litígios em relação ao plano de funções já são sanadas com essa provisão que foi reconhecida no resultado desse semestre, obrigada.

GUSTAVO: George, você está se referindo ao valor que a gente denominou de CCV (comissão de conciliação voluntária) um valor de R\$ 186,0 milhões, esse valor reflete a nossa estimativa do impacto pleno desse evento específico então acreditamos que o valor já compreende toda a nossa estimativa. Basicamente fizemos a implementação de alguns ajustes no nosso grupo de funcionários comissionados e fizemos um procedimento de ajuste voluntário entre banco e esses funcionários. A nossa expectativa de impacto foi provisionada dessa forma e com isso apartamos esse valor com evento extraordinário.

GEORGE: Perfeito e não tem mais nenhum ajuste para ser feito, não é?

GUSTAVO: Acreditamos que não.



GEORGE: Perfeito, muito obrigado.

OPERADORA: O Sr. Gustavo Schroder do banco do Espírito Santo gostaria de fazer uma pergunta.

GUSTAVO: Bom dia pessoal eu queria voltar ao assunto de qualidade de carteira de crédito, apesar de a gente ter visto aí números bons referentes a despesas com provisão, olhando os créditos renegociados, estou até me referindo a nota explicativa 10 lá no item K, a gente observa um aumento, vamos dizer, ao menos na minha opinião, substantivo na inadimplência de 90 dias dessa carteira renegociada. Ela atingiu próximo de R\$ 1,4 bilhões e há um crescimento de 42,0% se a gente fizer essa análise ano contra ano. Eu queria, eu tenho algumas perguntas em relação a esses créditos renegociados. Primeiro se vocês tem uma abertura de quais são os segmentos que tem puxado esse aumento do atraso nos créditos renegociados. A segunda pergunta é como é que esse crédito, essa inadimplência do crédito renegociado transita no Balanço e no Resultado de vocês e se isso não é uma preocupação que vocês tem aí pra frente, porque se a gente cruzar com os dados do Banco Central a gente também tem observado um aumento no índice de inadimplência de crédito renegociado, ou seja, não pode estar entrando num ciclo que você renegocie e mais pra frente as pessoas que estão renegociando deixam de pagar esse crédito renegociado e apresentar um problema mais pra frente. Esses são meus pontos, obrigado.

GUSTAVO: Sr. Gustavo, obrigado pela tua pergunta. Eu vou começar por aquilo que eu acho que é mais importante quando a gente olha para essa carteira, essa carteira não é uma carteira que tem uma certa estabilidade na sua inadimplência pela própria característica desse tipo de crédito. A gente está falando especificamente da carteira de crédito renegociada mas renegociada por atraso. Vamos isolar dessa nossa conversa aquela



renegociação que é a renegociação que ocorre por uma questão negocial, o cliente procurou uma taxa mais competitiva ou um prazo melhor e acabou renovando a operação em características mais interessantes. Especificamente quanto ao crédito renegociado por atraso está se referindo a um incremento dessa inadimplência que era 15,8% no primeiro trimestre do ano passado e foi para 18,1% no primeiro trimestre desse ano. Você vê que nos dois períodos falamos de inadimplência elevada, mas o mais importante é olhar para o índice de cobertura nessa carteira, especificamente no primeiro trimestre de 2013 esse índice de provisão sobre carteira vencida há mais 90 dias estava em 341,0%. Então é claro que a gente olha para esse item com bastante atenção e é por isso que a cobertura dessas operações é bastante elevada. Em termos de como isso transita pelo resultado você sabe que dependendo do prazo da operação existe uma regra dentro da 2682 de em qual nível de risco ela tem que estar dado um determinado atraso. Você sabe que tem uma regra para operações de menor prazo, operações de maior prazo tem essa contagem de caírem de um risco para um risco mais agravado uma contagem dobrada. Então vamos supor que um determinado cliente chegou a um nível E ou a um nível F e nesse momento fechou uma renegociação com o Banco do Brasil. Conforme essa operação vai digamos se degradando em torno de níveis de risco, essa degradação vai chamando mais provisões para a gente subcrédito. Essas provisões vão sendo reconhecidas mês após mês, trimestre após trimestre. No momento que esse cliente que chegou no risco F busca uma renegociação, essa operação não retorna ao seu status original. Dependendo da garantia que for oferecida, da condição que for repactuada, você pode ter algum tipo de upgrade nesse risco, mas ele não retorna a sua condição original. Então é uma análise que é feita caso a caso e a partir daí esse crédito renegociado pode ser renegociado em F, pode ser renegociado em D, depende de como foi a sua renegociação



e é isso que gera o impacto no resultado em função da migração de PDD. Esse é um assunto que é difícil a gente falar da massa toda de operações, cada renegociação em cada determinado setor tem uma característica específica. Eu aqui com relação a acho que foi a tua segunda pergunta, não tenho o breakdown dessa carteira por seguimento, posso buscar isso e tentar incluir nos nossos relatórios, agregar no nosso disclosure. Mas não tem aqui uma abertura do que é Pessoa Física, Pessoa Jurídica ou outros segmentos do Balanço Patrimonial, tá?

GUSTAVO: Tá claro, só para acrescentar, olhando os dados do BACEN, eles dão esse breakdown e os dois itens que mais apresentam aumento nesse indicador foram referentes a veículos e crédito pessoal, que apresentaram aproximadamente 130 b.p. de aumento ano contra ano. Esses são os dados do BACEN, mas tudo bem, posso falar com vocês depois e ver se a gente identifica, no caso do Banco do Brasil, quais seriam esses setores específicos. A minha segunda pergunta é em relação à margem. Vocês têm um break down de quanto... Oi?

GUSTAVO: Um segundo por favor, mais um comentário aqui, antes da sua segunda pergunta.

IVAN: Com relação ao crédito pessoal, Ivo Monteiro, bom dia, Com relação crédito pessoal e financiamento de veículos, se você observar o financiamento de veículos novos é originado dentro das agências do Banco do Brasil, com clientes do próprio banco, é uma carteira que cresceu muito recentemente e é uma consequência direta do programa “Bom para todos”, então o número de renegociação é extremamente baixo. Olhando para a parcela de crédito pessoal, o crédito pessoal do banco não é aquele crédito pessoal tradicional, tá, ele é sempre vinculado: ou ele tem o consignado ou o próprio salário sem a consignação. Também os números aí são extremamente baixos. Então não há uma correlação entre esses dados do



BACEN e a carteira do Banco do Brasil, dada a característica do crédito que a gente tem aqui, tá? Desculpe, a sua próxima pergunta?

GUSTAVO: Tá ótimo, obrigado. Seria... se vocês têm um breakdown ou pelo menos alguma coisa próxima para a gente, o quanto dessa redução ou do impacto que vocês têm visto na margem de vocês está relacionada com a mix e quanto estaria relacionada com a taxa de juros mais baixa, eu não consegui identificar isso nas notas de vocês e não sei se vocês têm pelo menos algum indicador para passar para a gente de quanto é relacionado ao mix e de quanto é relacionado à taxa de juros especificamente.

GUSTAVO: Temo que eu não tenha essa informação, assim nesse breakdown que você quer: uma variação em função de mix ou de taxa, posso tentar te oferecer informações, digamos, adicionais para você chegar a algum tipo de simulação que chegue a isso. No slide 6 da apresentação, você vê uma abertura do nosso spread de crédito por segmento. Aí, você tem esse spread de crédito da Pessoa Física atingindo 13,9%, o comportamento dele nos últimos 12 meses, e aí o que explica isso é o crescimento nas linhas de menor risco. Para você ter uma idéia, a carteira de crédito imobiliário, por exemplo, é uma carteira de baixíssima inadimplência, naturalmente também tem um spread condizente com essa inadimplência mais baixa. Ela ganhou 2 pontos de participação dentro do nosso mix de produtos para Pessoa Física. O próprio financiamento a veículos também tem essa característica de inadimplência baixa e um spread condizente com essa inadimplência também ganhou um ponto de participação dentro do nosso mix de produtos de Pessoa Física. Expandindo para a margem financeira como um todo, os efeitos facilmente quantificáveis são aquela redução que eu comentei do depósito compulsório rentável e aí é menos um efeito de SELIC e mais um efeito de regulação, o depósito compulsório rentável em cima do depósito à vista era 12,0% no primeiro trimestre do ano passado e 0% neste ano, isso gera em



comparação do 1º trimestre uma redução de quase R\$ 900,0 milhões de receita. Quanto ao movimento da curva de juros no 1º trimestre e aquele impacto na carteira pré é um impacto de quase R\$ 200,0 milhões, mais especificamente de R\$ 194,0 milhões. Esses são os efeitos facilmente quantificados, eu vou ficar devendo um breakdown completo de variação de imagens e o que é mix e o que é mudança de taxa SELIC eu não tenho para você aqui agora.

GUSTAVO SHORODEM: Não, está ótimo, já ajudou bastante, obrigado pessoal.

GUSTAVO: Obrigado, Gustavo.

OPERADORA: Lembrando que para fazer perguntas basta digitar *1

OPERADORA: O Sr. Carlos Firetti_da Bradesco Corretora gostaria de fazer uma pergunta.

CARLOS: Bom dia a todos. Uma pergunta sobre a carteira de pequenas e médias empresas. Vocês apresentaram um crescimento bastante forte nessa carteira e eu entendo que vocês procuram ter um crescimento em produtos com risco relativamente menor, mas essa é uma carteira que no mercado particularmente tem causado uma preocupação em termos de inadimplência. A gente vê os bancos pequenos bastante fracos no crescimento e mesmo outros bancos grandes mais cautelosos e vocês com esse crescimento mais forte. Queria que você falasse um pouco sobre o conforto que vocês tem em relação a essa carteira e que esse crescimento não vai se traduzir daqui a pouco em um aumento mais substancial de inadimplência. Muito obrigado.

GUSTAVO: Perfeito Firetti. Bom, a resposta para isso, infelizmente é uma resposta, vou tentar comprimir aqui, mas a grande resposta para isso é a



metodologia de crédito do Banco do Brasil. A expertise que o Banco construiu nesse setor ao longo de décadas, o banco em função de sua presença nacional conhece cada geografia, cada cidade, cada município desse país e entende as condições de cada cidade e de cada pequeno empresário. Então a melhor resposta para segurança que o banco tem e para o controle de inadimplência que o banco tem nesse item é o relacionamento e a metodologia de crédito. Além disso, você sabe que a gente tem priorizado também a utilização do FGO (fundo de garantia e operações) que consegue oferecer garantias complementares ao pequeno empresário que não teria garantias reais para, digamos, aportar numa operação de crédito. Do crescimento que nós tivemos nesse 1º trimestre, cerca de 30,0% do desembolso foi garantido pelo FGO. É claro que o banco olha esse tipo de segmento com bastante atenção mas com conforto em função da sua metodologia e nas operações onde esse pequeno empresário não teria garantias por si só, digamos, a agregação da garantia FGO.

SR. CARLOS FIRETTI: Só para completar, uma última pergunta em relação ao guidance de vocês de NII e receita com tarifas, como vocês falaram vocês estão nesse 1º trimestre bem abaixo desse guidance, qual o nível real de conforto que vocês tem que ainda é possível esse crescimento da margem e se as receitas tarifas estão crescendo dentro do guidance de vocês desse ano. Obrigada.

GUSTAVO: Bom dia, se você isolar, se você pegar o quadro da receitas tarifas e você olhar como se fosse um portfólio você vai verificar que o item que cresceu menos em comparação aos demais foi o item de pacote de serviços que você sabe que tem uma regulação extremamente forte por parte do BACEN. A gente vem fazendo um trabalho, há algum tempo, em relação a esse item tentando tornar cada vez mais, e acho que chegamos a um bom termo agora, absolutamente transparente para o cliente o que está incluído



dentro naquele pacote e o que o cliente pode usufruir se utilizar o serviço individualmente. A gente deu total tecnologia para a rede de agências e total transparência na comunicação sobre a utilização desses pacotes de serviços, agora se você evoluir para as demais linhas de negócios no banco, nós tivemos um crescimento muito positivo na parte de seguros como um todo, nós tivemos um crescimento muito positivo na parte de cartões, nós tivemos um crescimento muito expressivo em mercado de capitais e tivemos um crescimento em média com o mercado nas tarifas de fundo de investimentos. Então se você isolar especificamente esse item você percebe ali sim um decréscimo e de modo geral como ele é um item importante trazendo o número para baixo do guidance. Como já havia comentado, a gente espera o decorrer deste 1º semestre e na divulgação do resultado do 2º trimestre, se houver indicativos de qualquer alteração de qualquer item do guidance aí sim é o momento adequado para a gente estar falando sobre isso, agora nem em relação à margem nem em relação à receita de tarifas a gente acha que é o momento adequado para a gente discutir uma possível alteração, tá?

SR. CARLOS FIRETTI: Legal, muito obrigado.

GUSTAVO: Obrigado Firetti.

OPERADORA: O SR. Eduardo Minch_do Banco Plural gostaria de fazer uma pergunta.

EDUARDO: Bom dia a todos, obrigado pela oportunidade. Eu tenho duas perguntas. Primeiro em relação a dívida de Basileia, eu queria saber se vocês tem algum plano de mudar o payout de vocês que hoje é de 40,0%. Se vocês vão pagar esses 40,0% sobre o ganho de capital potencial com a operação da BB Seguridade e qual seria o impacto da oferta na Basileia de vocês, depois eu faço a segunda pergunta. Obrigado.



GUSTAVO: brigado, nenhuma alteração no payout. É uma política que a gente já falou de 40,0% que a gente tem há muitos anos, não tem nenhum indicativo de alteração. Com relação ao resultado da operação da BB Seguridade a gente espera a finalização da estabilização, do período de estabilização pra daí sim calcular o impacto geral no resultado do banco. A gente publicou um fato relevante com a nossa melhor estimativa do impacto bruto, mas vamos esperar o término da estabilização para daí sim poder ter o cálculo adequado, Então não há qualquer alteração dessa política para esse ano e não vejo para os próximos.

EDUARDO: E vocês continuam aí então, vocês vão pagar sobre o ganho de capital com a operação, certo?

GUSTAVO: A gente sempre tem a política geral do banco. Não posso falar de um procedimento específico em relação aos ganhos que o banco vai ter com relação ao BB Seguridade. Do conjunto geral do resultado do banco desse ano será pago 40,0%.

EDUARDO: Minha segunda pergunta em relação ao Votorantim, a gente vê uma evolução muito boa na parte de inadimplência, né? O banco aí fazendo evolução também no lucro no período ao longo dos trimestres. Eu queria saber se vocês vislumbram aí um break even nos próximos trimestres e como fica na parte de capitalização do Votorantim, como é que vocês estão vendo aí o nível de capitalização do Votorantim, se vocês acham que precisa de um aporte de capital aí nos próximos trimestres, Muito obrigado.

GUSTAVO: Não há nenhuma perspectiva de qualquer capitalização no Banco Votorantim, não há necessidade disso pelas projeções que nós temos internamente no banco. O que você pode esperar é uma contínua melhoria dos resultados do banco, trimestre a trimestre, como já vem acontecendo nos últimos trimestres e uma perspectiva de um quase break_even agora no



terceiro trimestre e um resultado positivo já a partir do quarto. Para 2014 sem dúvida sempre no campo positivo, um lucro previsto. O processo de ajuste do Banco Votorantim se encerra no ano de 2013 como a gente tem divulgado periodicamente para vocês. Então a gente vai ter contínuas reduções, reduções provavelmente mais uma redução importante do prejuízo no próximo trimestre, uma praticamente, uma quase estabilidade no terceiro e o retorno ao resultado positivo no quarto e ao longo dos próximos anos, 2014 em diante.

EDUARDO: Obrigado.

OPERADORA: O Sr. Yukishi Okudo do Apolo Investimentos gostaria de fazer uma pergunta. Por favor, pode prosseguir.

GUSTAVO: Bom, aparentemente nós tivemos algum problema técnico com essa pergunta, a gente vai entrar em contato especificamente com esse investidor para ver qual era a questão.

OPERADORA: Obrigada. Encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao Sr. Gustavo Souza para as suas considerações finais. Por favor, Sr. Gustavo, pode prosseguir.

GUSTAVO: Muito obrigado a todos pela participação. Por favor, qualquer pergunta adicional entrar em contato com o nosso time de RI. Muito obrigado. Bom dia.

OPERADORA: A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos e lembramos que o material utilizado nessa teleconferência está disponível no portal BB na página de relações com investidores. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia.

